

APRESENTAÇÃO

Esta edição da Revista (Con)textos Linguísticos, cujo tema é *Modelos Baseados no Uso*, tem por objetivo reunir trabalhos que analisem fenômenos linguísticos pertinentes aos campos dos mecanismos funcionais da língua em uso, da variação e mudança linguística e do contato linguístico. Dessa forma, os artigos aqui apresentados discutem questões fonético-fonológicas e morfossintáticas com base em dados orais e escritos, levando em consideração a intrínseca relação entre língua e sociedade.

O artigo intitulado “Gramaticalização: um estudo de conclusivos anafóricos”, de Cristina L. Defendi e Flávio B. Valadares, analisa, sob a perspectiva da Gramaticalização de Christian Lehmann (1995 [1982]), conclusivos anafóricos em dissertações e teses das áreas de Direito e Medicina. Os resultados evidenciam o uso cada vez mais frequente de expressões como *dessa forma* e *desse modo*, que passam de referenciadores anafóricos a conclusivos, substituindo o elemento *portanto*.

Já sob a perspectiva da Sociolinguística Variacionista, outros fenômenos são discutidos. Elyne G. S. L. A. Vitória, em seu trabalho “O pronome *a gente* na fala maceioense: um estudo sociolinguístico”, analisa uma amostra composta por 72 entrevistas estratificadas por sexo/gênero, faixa etária e escolaridade dos falantes. Os resultados indicam que *a gente* é a forma mais frequente (76% de *a gente* x 24% de *nós*) em Maceió/AL, sendo a variante favorecida quando a forma precedente também é *a gente*, nas funções sintáticas de objeto direto, adjunto adverbial e sujeito e entre os falantes mais jovens, fato este que aponta para uma mudança em curso. Em relação à concordância de 1ª pessoa do plural, a variante *a gente* + IPP é favorecida por sujeitos implícitos, formas verbais com maior saliência fônica e por falantes menos escolarizados e mais velhos, o que revela uma curva de aquisição de concordância na comunidade.

Outro artigo referente à alternância da 1ª pessoa do plural e concordância com *nós* é o de Shirley E. R. Mattos. Em “A primeira pessoa do plural na fala de Goiás”, Mattos, ao analisar uma amostra composta por 55 falantes, verifica o predomínio de *a gente* (78%) em algumas cidades goianas, resultado semelhante aos registrados em outras áreas urbanas brasileiras. Entretanto, a pesquisa também constata a existência de 21% de casos de não concordância verbal com *nós*, fato este que diferencia a área urbana de Goiás de outras indicadas na pesquisa. A autora postula que esse uso está relacionado a um aspecto identitário local, relativo à valorização da cultura rural pela

comunidade. Por outro lado, o predomínio de *a gente* vincula-se a um uso identitário nacional.

Ainda abordando os pronomes, Lilian C. Yacovenco e Carolyn B. Massariol, em "A expressão do sujeito pronominal na fala de uma mulher universitária capixaba: uma análise baseada no estilo de fala", analisam a variação do sujeito pronominal na fala de uma jovem universitária em quatro situações comunicativas distintas. Em conformidade com a proposta de Alan Bell (1984), verificam que a audiência influencia a variável *estilo*. Constatam, que quanto maior a proximidade – física ou psicológica – entre o falante e sua audiência, maior o uso de sujeitos pronominais explícitos. Assim, na conversa entre amigos - situação comunicativa em que há uma maior proximidade entre falante e audiência -, há maior uso de sujeitos explícitos (89,7%). Por outro lado, na assembleia de estudantes – situação em que essa proximidade é menor -, há menos uso de sujeitos explícitos (55%).

No trabalho intitulado "A expansão de perífrases de gerúndio no português brasileiro", Maria Marta P. Scherre e Jucilene O. S. Basílio discutem perífrases *estar+gerúndio* no português brasileiro. Ao analisarem gravações de fala natural em ambientes formais com falantes da cidade de Vitória, nas quais preponderavam sequências discursivas como relatos de procedimento, de opinião e de acontecimentos, sequências estas que favoreciam o surgimento do fenômeno estudado. Os resultados apontam que, na alternância com o presente frequentativo, as perífrases *estar+gerúndio* são mais frequentes no contexto *irrealis*. Na variação com o infinitivo, prevalecem com maior naturalidade em construções de subordinação (completivas nominais, subjetivas e adjetivas) e em relatos de procedimento e de opinião, apontando relação entre mais material fônico e formalidade discursiva. Na variação com *ir+infinitivo*, há o predomínio do aspecto durativo, apesar da existência da perífrase com verbos pontuais. As autoras postulam que dimensões estilísticas atuam sobre o campo da modalidade discursiva na interação social, sendo o uso da perífrase relacionado a uma dimensão mais subjetiva para atenuar relações discursivas.

No artigo "O uso do presente do subjuntivo em variação com o presente do indicativo no falar culto de Fortaleza", Hebe M. de Carvalho, Aluiza A. de Araújo e Artur V. do Nascimento Neto analisam a variação do presente do subjuntivo e presente do indicativo em orações substantivas e dubitativas com *talvez* em falantes universitários de Fortaleza. Foi observado que, em termos totais, o presente do subjuntivo apresentou 23,9% de frequência, sendo implementado em matrizes não

factuais, de baixa certeza epistêmica, com expressão de modalidade *irrealis*. Por outro lado, há o uso categórico do presente do subjuntivo quando há orações com verbos matrizes não factivos volitivos, resultado este similar aos de outros estudos com dados do Nordeste.

Ainda sob a perspectiva teórico-metodológica da Teoria da Variação e Mudança, mas também levando em consideração as contribuições teóricas do Contato Linguístico, Edenize P. Peres e Sílvia P. Meneghel, em seu trabalho “Consequências do contato entre o vêneto e o português em Santa Maria do Engano, Alfredo Chaves/ES: o ditongo nasal tônico <ão>”, discutem um fenômeno fonético-fonológico – a realização variável do ditongo tônico nasal na fala de 44 descendentes de imigrantes italianos de uma comunidade rural espírito-santense. Os resultados evidenciam que a pronúncia do ditongo nasal com influência vêneta acontece em 28,7% dos casos, sendo favorecida por falantes de menor escolarização, do sexo masculino e da faixa etária mais velha, apontando, portanto, para perda desse traço da língua minoritária.

No campo específico do Contato Linguístico, temos o artigo intitulado “Como definir o falar da fronteira Brasil-Uruguai?”, de Cíntia Pacheco, que analisa diversas nomenclaturas utilizadas para caracterizar variedades usadas em fronteiras linguísticas geograficamente marcadas, como entre o Brasil e o Uruguai. A autora discute não apenas a nomenclatura para a língua utilizada, mas, também, os valores que estão subjacentes a cada uma delas. Por fim, Pacheco ratifica proposta de A.M. Carvalho sobre a denominação da língua falada nessa fronteira e também a intitula *português uruguaio*.

Boa leitura!

Lilian Coutinho Yacovenco

Edenize Ponzos Peres

Lúcia Helena Peyroton da Rocha